

MANOEL D'ALMEIDA FERREIRA

# O LOUCO

266

P. 107

# da ALDEIA



266

257

Smaga

2169

MANOEL D'ALMEIDA FILHO



# O LOUCO DA ALDEIA

Direitos adquiridos e registrados de acôrdo com a lei na  
Bibliotéca Nacional



A. A. LOPES & SOUZA

RUA IPANEMA, 772 — FONE: 9-1374 — SÃO PAULO

MANOEL D'ALMEIDA FILHO

O LOUCO DA ALDEIA



Eu vou descrever um drama  
Porque assim me compete  
Chegou-me no pensamento  
Pois a lembrança repete  
Cujo drama eu assisti  
No grande circo Takete.

Esse drama é conhecido  
Pelo "Louco da Aldeia"  
Onde um juiz traidor  
Fez uma traição feia  
E depois quiz defender-se  
Do cubículo da cadeia.

Porém da justiça Eterna  
Nenhum homem se esconde  
E para esconder um crime  
Procura e não acha aonde  
Vá para onde quizer  
Que pelo crime responde.

Portanto ao dito drama  
Dar começo eu necessito:  
— Habitava na Espanha  
Doutor José Benedito  
Viuvo, tinha uma filha  
Igual um anjo bendito.

Então essa jovem foi  
Batisada por Maria  
Era bela e atraente  
Como a estrela do dia  
Parecia uma açucena  
No jardim da poesia.

Maria já era noiva  
De um nobre advogado  
Moço muito inteligente  
Em muitas linguas cursado  
E por João de Azevedo  
Foi o mesmo batisado.

Entre o moço e Maria  
O amor selou a palma  
Eram dois anjos unidos  
Em um momento de calma  
Duas almas em um corpo  
E dois corpos numa alma.

Porém a felicidade  
As vezes muda de plano  
Foge ante a ambição  
Mas nunca cai no engano  
Porque depois ela volta  
Prá castigar o tirano.

Então havia um juiz  
Naquela mesma cidade  
Chamado Julio Siqueira  
A caixa da falsidade  
Ambicioso e perverso  
Cheio de orgulho e maldade.

Este citado juiz  
Homem d'uns cinquenta anos  
Vivia há muito nadando  
Em um mar de desenganos  
Mas vendo a jovem Maria  
Concretizou novos planos.

Ele pensava consigo:  
— Vou sair do "barricão"  
E casar-me com Maria  
Saciar minha paixão  
Saboreando o perfume  
De uma rosa em botão.

Assim dirigiu-se à moça  
Porém perdeu a partida  
Maria fez ver a êle  
Que era comprometida  
Com um moço por quem dava  
Até sua própria vida.

O juiz quando ouviu  
Uma resposta daquela  
Com um plano traiçoeiro  
Foi ao pai da donzela  
Pedir para que o velho  
"Virasse" a cabeça dela.

Porém o pai de Maria  
Era um homem verdadeiro  
Disse: Minha filha é noiva  
De um nobre cavalheiro  
E eu não vou seduzi-la  
Que não sou alcoviteiro

Não obrigo minha filha  
Perder uma quadra bela  
De casar-se com um moço  
Que faz parêlha com ela  
Pra casar-se com um velho  
Que pode ser avô dela.

O juiz naquela hora  
Ficou cego de paixão  
Agarrou o pobre velho  
Já com um punhal na mão  
Cravou-o no peito esquerdo  
Traspassou-lhe o coração.

O velho caiu morrendo  
Com a punhalada certa  
O juiz fugiu deixando  
Aquela sala deserta  
Porém deixou o punhal  
Cravado e a porta aberta.

A jovem Maria estava  
Cuidando na sua lida  
Depois entrando na sala  
Conversando distraída  
Deu com a vista no pai  
Caído no chão sem vida.

Maria correu chorando  
E vendo a arma fatal  
Pegou e foi arrancando  
Porém um policial  
Que ia passando viu  
Ela puchando o punhal.



Maria foi logo presa  
E conduzida algemada  
Como assassina do pai  
Para depois de julgada  
Pela lei do seu país  
Ser numa praça enforcada.

Maria tinha um visinho  
Chamado Pedro Raimundo  
Homem honrado e honesto  
Em respeito era profundo  
Viuvo e só tinha um filho  
Com o nome de Edmundo.

Então esse dito moço  
Era ferreiro mecânico  
Porém estava empregado  
No território britânico  
Por carta éle foi ciente  
Daquele crime satânico.

Porque o velho Raimundo  
Quando Maria foi presa  
Apresentou-se ao juiz  
Com toda delicadesa  
Como a única testemunha  
Para fazer a defesa.

Mandou dizer ao filho  
Tudo como foi passado  
Porém o moço sabendo  
Ficou bem desconfiado  
Porque havia um segredo  
Que nunca foi revelado.

Porque o dito punhal  
Que fez o crime ferino  
Foi fabricado em segredo  
Para o juiz assassino  
Por Edmundo, o mecânico  
Quando ainda era menino.

Depois o leitor verá  
A culpa como condena  
O segredo descobrir-se  
E desenrolar-se a cena  
O culpado no seu tempo  
Passar pela dura pena...

Vamos encontrar Maria  
Em uma sala chorando  
Já era o primeiro juri  
O promotor acusando  
E João, o noivo da jovem  
De um lado advogando.

Foi lido o depoimento  
Daquele policial  
Que prendeu a criminosa  
Naquela hora fatal  
Que do peito de seu pai  
Ela arrancou o punhal.

Disse o soldado: Eu passando  
Na rua da Conceição  
Fui vendo uma porta aberta  
E um volume no chão  
Maria por cima como  
Quem fazia uma agressão.

Chegando mais perto ví  
Quando ela com rancor  
Puxou do peito do pai  
Este punhal vingador  
Ainda ouvi quando o velho  
Deu um gemido de dor.

Assim prendí em flagrante  
Esta tão linda deidade  
Que matou o próprio pai  
Com tanta perversidade  
E juro perante a Deus  
Como o que disse é verdade.

Maria disse: Eu não sei  
Quem me fez a traição  
Porque ao sair na sala  
Fui vendo meu pai no chão  
Já morto com o punhal  
Cravado no coração.

Corri prá salvar meu pai  
Mas não saí-me feliz  
Pois quando tornei estava  
Numa prisão infeliz  
Hoje estou sendo julgada  
Por um crime que não fiz.

Terminou banhada em pranto  
Em ponto de sufocar-se  
O juiz tocou na campainha  
E mandou ela sentar-se  
Tornou tocar e mandou  
O promotor levantar-se.



O promotor disse alto:  
— A filha que mata o pai  
Morrendo está condenada  
Para o céu ela não vai  
Quem pratica um crime deste  
Dentro do inferno cai.

Na terra como no céu  
Não pode ser perdoada  
Peço aos senhores jurados  
Olhem prá esta malvada  
Votem contra esta assassina  
Prá ela ser condenada.

Pois quem mata o próprio pai  
Tendo tempo mata cem  
E' pior que uma féra  
Pelo instinto que tem  
O juiz Julio Siqueira  
De lá gritou: Muito bem!

Esta é pior do que judas  
Na traição e na maldade  
Tem dentro do coração  
O punhal da falsidade  
E' capaz de assassinar  
Todos os homens da cidade.

A mulher é sempre assim  
Bruta, malvada e cruel  
Se existiu eu não sei  
Uma que fosse fiel  
Todas têm no coração  
U'a taça cheia de fel.

Portanto, esta assassina  
Possui um genio brutal  
Cravou no peito do pai  
Com este horrendo punhal  
Que está sôbre esta mesa  
Dando uma prova legal.

Não acredito que haja  
Quem defenda esta malvada  
Que assassinou o pai  
Oh! filha amaldiçoada  
Hás de pagar o teu crime  
Em uma praça enforcada.

O juiz tocou na campã  
E deu a palavra a João  
O moço então levantou-se  
Cheio de disposição  
Para defender a noiva  
Da força e da detenção.

Disse: Senhores jurados  
Esta filha é inocente  
Este crime é um mistério  
Que envolve muita gente  
E talvez o assassino  
Seja outro aqui presente.

Pois talvez o tal bandido  
Tenha ido preparado  
Para praticar o crime  
Há dias premeditado  
Para eliminar a vida  
De um homem tão honrado.

E depois de ter cravado  
A arma da traição  
Tenha corrido deixando  
O velho morto no chão  
E com o punhal cravado  
“Em cima do coração”.

Talvez a filha inocente  
Do quarto tenha ouvido  
Alguma zuada ou baque  
Ou mesmo algum gemido  
E tenha vindo ligeira  
Prá ver o que tinha sido.

Se foi vendo o pai caído  
Deu um grito lancinante  
E vendo o punhal cravado  
Talvez pensasse um instante  
Que o seu querido pai  
Estivesse agonisante.

Talvez pensando salvá-lo  
Arrancar o punhal vai  
O soldado ia passando  
E ver quando o punhal sai  
Predeu-a ali em flagrante  
Como assassina do pai.

Portanto, peço aos jurados  
Que tenham benevolência  
Façam a justiça num  
Exame de consciência  
Para saberem a verdade  
Peçam força a Providência.

Calou-se o advogado  
Foi haver a votação  
Deram doze votos contra  
Ia haver condenação  
O advogado apelou  
Prá côrte de apelação.

Então no segundo juri  
O protetor de Maria  
(O velho Pedro Raimundo)  
Mandou uma carta um dia  
Ao seu filho Edmundo  
Descrevendo a tirania.

Pedi ao filho na carta  
Que não perdesse a sessão  
Para falar por Maria  
Dando bôa informação  
Para ver se assim salvava  
Ela da condenação.

Então no dia do juri  
Depois de aberta a sessão  
O promotor acusou-a  
Perante a luz da razão  
A ré tremia chorando  
Ouvindo a acusação

O velho Pedro Raimundo  
A Maria consolava  
Com palavras de conforto  
Enquanto ao filho esperava  
Para defender a jovem  
Mas o rapaz não chegava.

João, o noivo de Maria  
Advogado possante  
Subiu a tribuna e fez  
Uma defesa brilhante  
Porém, para os jurados  
Não houve um atenuante.

Quando os jurados votaram  
Foi uma hora minguada  
Deram todos votos contra  
A jovem foi condenada  
E a sentença de morte  
Por todos foi assinada.

Quando João teve a certeza  
Daquela condenação  
Vendo a sentença assinada  
Perdeu de tudo a razão  
E dentro daquela casa  
Deu a maior explosão.

Enlouqueceu de uma vêz  
Contra as leis de seu país  
Virou mesa, quebrou banca  
Fez um estrago infeliz  
Inda quebrou um tinteiro  
Na cabeça do juiz.

Ninguém não dizia nada  
Ele as cadeiras quebrava  
Como um alucinado  
A própria roupa rasgava  
E depois dando rizadas  
Os cabelos arrancava.

Assim êle saiu louco  
Deixando tudo quebrado  
O juiz na sua mesa  
Tremendo e todo melado  
Naquele mesmo momento  
Edmundo foi chegado.

Vendo aquela trapalhada  
Ficou olhando de pé  
Disse: O navio atrasou  
Pela falta de maré  
Porém eu quero falar  
Para defender a ré.

Mas o juiz respondeu:  
— A sentença já foi dada  
Por mim e pelos demais  
Ela já foi assinada  
Agora só resta a jovem  
E' morrer dependurada.

O moço viu um punhal  
Numa banca pequenina  
Pegou e foi perguntando:  
— E' esta a arma assassina?  
Com que foi assassinado  
O doutor pai da menina?

Ouvindo a afirmativa  
Disse: Esta arma é cruel  
Foi feita por minhas mãos  
Na rua Santa Izabel  
O juiz ouvindo isto  
Ficou da côr dum papel.

O moço continuou:  
— Está arma é traiçoeira  
Eu fiz este punhal para  
O juiz Julio Siqueira  
No tempo qu'êlé morava  
Na rua da Cachoeira.

Como pediu-me segrêdo  
Nunca a ninguem quiz dizer  
Mas hoje fui obrigado  
Esta defesa fazer  
Quando o juiz ouvindo  
Levantou-se prá correr.

Porém faltou-lhe a coragem  
Caiu como quem se rende  
Disse: Agora acreditei  
Que de Deus tudo depende  
E que da sua justiça  
Nenhum homem se defende.

Alí o juiz foi preso  
Por sua bôca acusou-se  
Mas como milionário  
Na cadeia conformou-se  
Até que entrou em juri  
Gastou dinheiro e soltou-se.

Vamos falar sôbre João  
Depois que louco ficou  
Aonde êle foi morar  
Como depois se vingou  
O juiz foi castigado  
Como a lei de Deus traçou.

Também falar em Maria  
Que foi logo perdoada  
Ao descobrir-se o crime  
Ela foi cumprimentada  
E prá casa do visinho  
Saiu bem acompanhada.

Porém na casa do velho  
Não tinha consolação  
Chorava de dia a noite  
Não queria refeição  
O velho já via a hora  
Ela perder a razão.

Então só falava em João  
Pensando aonde ir achá-lo  
O velho então sugueitou-se  
Ir com ela procurá-lo  
Seguiram os dois pelo mundo  
Até um dia encontrá-lo.

Aqui eu deixo Maria  
Em procura do querido  
Com o senhor Pedro Raimundo  
Seu protetor destimido  
Para falar do juiz  
O assassino bandido.

O juiz Julio Siqueira  
Em uma aldeia afastada  
Possuia uma fazenda  
Muito bem aparelhada  
Aonde tinha uma cruz  
Pelo povo festejada.

Na aldeia, ao pé da cruz  
Um dia chegou ali  
Um louco que só dizia:  
— Maria dorme é aqui  
Pode dormir sossegada  
Dorme qu'eu velo por ti.

Depois procurava flores  
Assim a cruz enfeitava  
Acendia algumas velas  
Porque o povo deixava  
De promessas que fazia  
Até fósforo ali ficava.

Também ficava de joelhos  
Como a fazer oração  
Depois levantava os olhos  
Fazendo uma exclamação  
Que quem passasse por perto  
Tinha a maior compaixão.

Depois desta cerimônia  
Se calava e se benzia  
Deitava-se ao pé da cruz  
Dizendo: Dorme Maria  
Dorme qu'eu velo por ti  
Toda hora e todo dia.

Todo mundo que passava  
Alí perto êle dizia:  
— Foge daqui assassino!  
Tú que mataste Maria  
Assim o povo assombrado  
Com medo dele corria.



Porém trazendo comida  
Ele vendo se acalmava  
O povo com pena dele  
Quando por alí passava  
Trazia comida e água  
E perto dele botava.

Ele muito satisfeito  
Logo apanhava e comia  
Até conhecia alguém  
Que passando ele pedia  
Assim sucessivamente  
Ao pé da cruz vivia.

Porém parecia um monstro  
Aquela figura feia  
Ao pé daquela cruz  
Só dormia na areia  
Foi conhecido por todos  
Pelo "Louco da Aldeia".

O leitor deve lembrar-se  
De João ter enlouquecido  
E acreditava que  
Maria tinha morrido  
Assim, ao pé da cruz  
Por ela dava gemido.

Já está esclarecido  
Que este louco é João  
Agora vamos adiante  
Mudando de oração  
Para ver como o juiz  
Pagou a sua traição.

O juiz depois de solto  
Foi ver a propriedade  
Quando chegou na Aldeia  
Foi percorrê-la à vontade  
Passando perto da cruz  
Avistou a novidade.

Perguntou ao empregado:  
— O que é aquilo alí?  
Disse o rapaz: E' um louco  
Que só vive para si  
E passa o dia dizendo:  
— Maria dorme é aqui.

O juiz aproximou-se  
Com a chibata na mão  
Dou-lhe uma chibatada  
O louco como um trovão  
Deu um grito tão horrível  
Que estremeceu o chão.

Dizendo: Foge assassino!  
Inda vens me atormentar?  
Pela justiça de Deus  
O teu crime hás de pagar  
O juiz saiu sorrindo  
Deixou o louco a gritar.

Aqui eu deixo o juiz  
Sorridente e bem esperto  
Correndo a propriedade  
Sosinho pelo deserto  
Para falar de Maria  
Que vinha chegando perto.

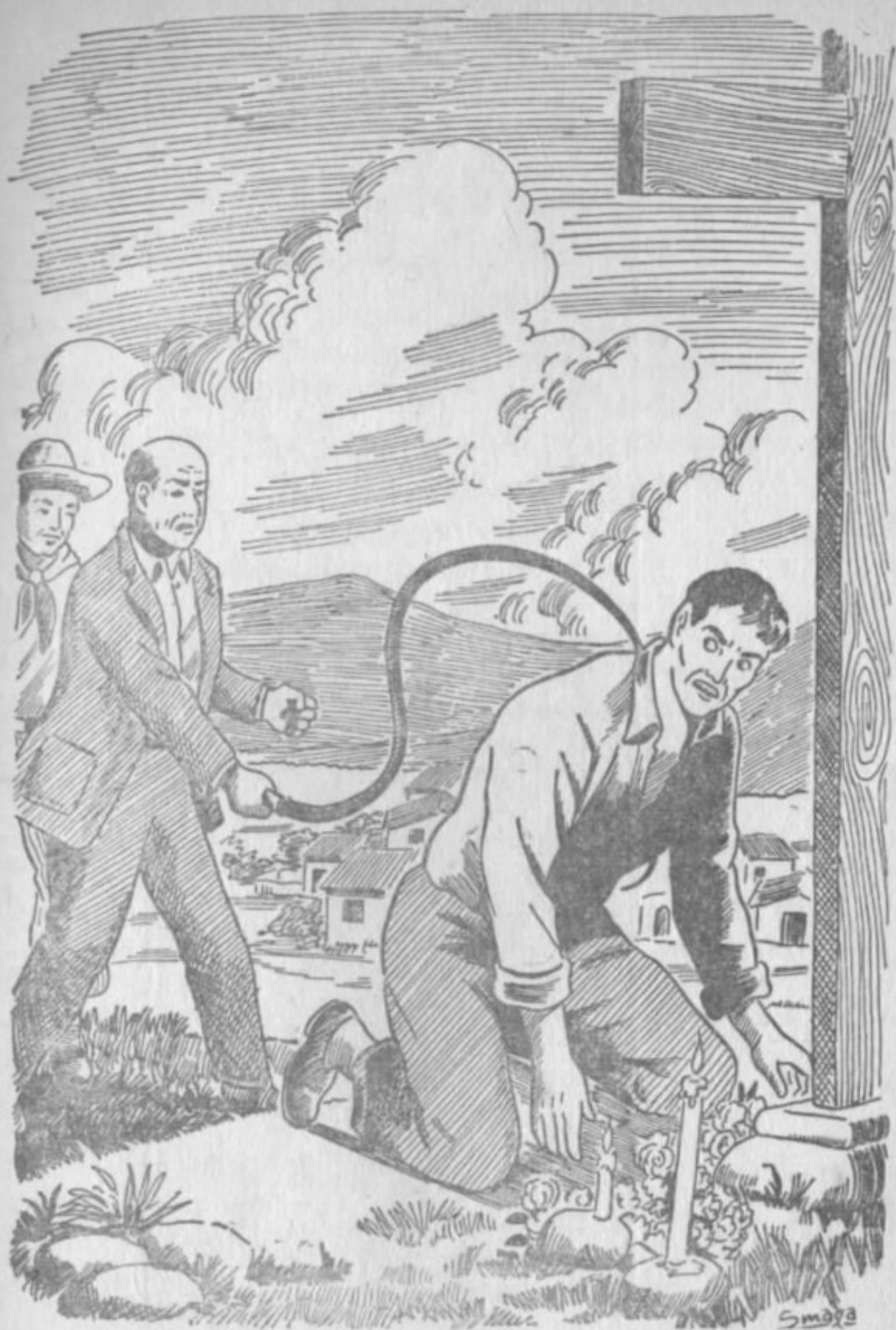
Maria e Pedro Raimundo  
O seu visinho estimado  
Andavam a procurar João  
Percorreram todo estado  
Foram sair na Aldeia  
Naquele dia marcado.

O velho ficou sentado  
Numa sombra sôbre o chão  
Maria entrou no bosque  
Foi à procura de João  
Encontrou com o juiz  
No meio da solidão.

O juiz qu'e muito tempo  
Simpatisava Maria  
Disse: Quem espera alcança  
Até que chega o seu dia  
"O bocado é prá quem gosa"  
Assim meu pai me dizia.

Partiu e pegou a jovem  
No intuito de forçá-la  
Porém Maria na luta  
Tomou dele uma bengala  
E deu-lhe uma cacetada  
Que êle caiu sem fala.

Mas ela com o cansaço  
Também caiu desmaiada  
E depois os dois tornaram  
Nova luta foi travada  
Porque o juiz pensava  
Sair feliz na caçada.



A moça gritava tanto  
Que a guela enrouquecia  
Porém o velho Raimundo  
Muito longe não ouvia  
Ainda o juiz pensava  
Que ia vencer Maria.

Porém a justiça Eterna  
Tem um decreto medido  
Que “quem com o ferro fére  
Com o mesmo ferro é ferido”  
Assim quem pratica um crime  
Ou cedo ou tarde é punido.

Portanto Deus quando tarda  
Já vem perto no caminho  
A cruz que vivia o louco  
Ficava ali bem pertinho  
Por certo êle estava ouvindo  
Todo aquele borbórinho.

A pobre moça na luta  
Muito cansada demais  
O juiz para vencê-la  
Botava as forças iguais  
Naquilo surgiu um vulto  
Parecendo o Satanaz.

Era o louco que tinha  
Ouvido aquela zuada  
Correu e foi logo vendo  
Maria toda rasgada  
Dando empurrão e levando  
Com o juiz agarrada.

O louco partiu calado  
Pegou o juiz por trás  
E viu na cintura dele  
Um punhal grande demais  
Arrebatou-o na hora  
Com uma força voraz.

Com o punhal tinha sido  
Morto o sogro de João  
Mas o louco levantou-o  
Cravou o juiz no vão  
Com uma força tão grande  
Que quase se some a mão.

Assim cumpriu-se a justiça  
Do Messias Prometido  
Como está nas Escrituras  
Foi o assassino punido  
Com o ferro que feriu  
Com o mesmo foi ferido.

Maria vendo o juiz  
Tombar sem vida no chão  
Correu com medo pensando  
Sofrer a mesma lição  
Sem saber qu'aquele monstro  
Era o seu querido João.

E o louco saiu como  
Quem não tinha feito nada  
Deitou-se ao pé da cruz  
Falando na sua amada  
Dizendo: Dorme Maria  
Pode dormir, sossegada.

Maria chegou correndo  
Disse ao velho em seguida:  
— Fui atacada no bosque  
Pelo juiz homicida  
Porém um monstro chegou  
E defendeu minha vida.

Disse o velho: Vamos ver  
O caso como se deu  
Disse Maria: O juiz  
Parece que já morreu  
Pois caiu banhado em sangue  
Depois o monstro correu.

Assim entraram no bosque  
Adiante foram avistando  
O louco ao pé da cruz  
Deitado se lastimando  
Vendo os nossos viajantes  
Levantou-se praguejando.

Dizendo: Foge assassino!  
Tú que mataste Maria  
Maria morreu e dorme  
Aqui nesta lage fria  
Porém eu estou com ela  
Velo de noite e de dia.

Pela fala mais ou menos  
Maria o reconheceu  
E respondeu com carinho:  
— Maria nunca morreu  
Já foi condenada a morte  
Porém Deus a defendeu.



Olha em mim que verás  
Tua Maria querida  
Que pela justiça Eterna  
Na terra foi protegida  
E te procura prá dar-te  
O maior prazer da vida.

Repara a minha feição  
E os lábios que beijaste  
Afaga com teus carinhos  
As mãos que tanto afagaste  
Abraça a tua Maria  
Como já tanto abraçaste.

Recorda-te quando eu  
Era prá ti uma flor  
Sentias o meu perfume  
Eu sentia o teu olor  
Vivíamos flutuando  
Sob as ondas do amor.

O louco fitou na jovem  
Um olhar de sofrimento  
Nessa hora a Providência  
Clariou-lhe o pensamento  
Que foi chegando a lembrança  
E fugindo o esquecimento.

Ali João reconheceu  
Maria seu bem amado  
Também foi reconhecido  
E por Maria abraçado  
Mas ainda meio louco  
Se conservava calado.

Seguiram para a cidade  
O velho, Maria e João  
Chegando se apresentaram  
A justiça da nação  
João foi ouvido e depois  
Lhe deram absolvição.

Inda quase louco foi  
Em um hospício internado  
Com um mês depois saiu  
Completamente curado  
Realisou-se o enlace  
A muito tempo esperado.

E o juiz assassino  
Morreu no campo sem luz  
Seu corpo foi encontrado  
Coberto de urubús  
Sendo amortalhado foi  
Enterrado ao pé da cruz.

**A** verdade é quem triunfa  
**L**ouvando a luz do Senhor  
**M**aria alcançou vitória  
**E**ncontrando o seu amor  
**I**nda casou-se com João  
**D**eu ao mundo uma lição  
**A**ssim quiz o Criador.



**JÁ SE ENCONTRA À VENDA O EXCELENTE  
LIVRO DE ARTE CULINÁRIA**

# **QUITUTES DE DONA JULIA**

em cujas páginas os leitores encontrarão as mais variadas, econômicas e deliciosas receitas de doces, salgados e sorvetes, tôdas já experimentadas por hábeis e inteligentes donas de casa, que pacientemente colaboraram conosco na confecção da maioria dessas receitas, tendo por escopo primordial apresentar saborosíssimos quitutes, deliciosos doces e sorvetes à base de estrita economia, sem prejudicar seus ingredientes, beleza e ornamento.

Adquira seu exemplar e ofereça também à sua amiga, pois que, é um livro digno de ser presenteado à mais exigente dona de casa.



Peça a seu vendedor ou remeta CR\$ 25,00 em VALE POSTAL, enviando seu nome, endereço, cidade e estado, com bastante clareza, para

**A. A. LOPES & SOUZA**

**GRÁFICA EDITORA PRELÚDIO**

Rua Ipanema, 772 — Fone 9-1374 — São Paulo

7209

# EDIÇÕES PRELÚDIO

## HISTÓRIAS POPULARES

Festa da Bicharada Sansão e Dalila João Brandão Chico Mineiro Lampeão, o Rei do Cangaço O Crime de Maringá Vingança do Destino O Estouro da Boiada Peleja do Paulista com o Mineiro Alma Penada Vicente, o Rei dos Ladrões O Jogador na Igreja Floribela de Almeida e José Sebastião Peleja de João de Deus com O Diabo Negro A Sogra Maldita O Pavão Vitorioso História do Conde Pierre e a Princesa Magalona	O Sacrifício do Amor ou O Noivo Ressus- citado O Príncipe Enterrado Vivo e a Rainha Justiceira O Louco da Aldeia Josafá e Marieta ABC da Macumba e As Proezas de um Pai de Santo Nosso Brasil Rimado e O Brasil em Versos ABC dos Namorados, ABC do Amor, ABC do Beijo e ABC da Dança A Chegada de Lam- peão no Céu A Vitória de Floriano e a Negra Feiticeira A Princesa Rosinha na Cova dos Ladrões História de Helena, a Heroína do Amor A Noiva do Diabo	Branca de Neve no País dos Gigantes História da Donzela Teodora Aventuras dos Noivos do Outro Mundo Zé Bico Doce Os Dois Valentões do Norte ABC do Apaixonado, ABC dos Noivos, ABC dos Casados e ABC dos Viuvos Vida e Tragédia do Pres. Getulio Vargas (em versos) Tragédia do Presidente Getulio Vargas (em prosa) Os Grandes Milagres do Padre Donizetti A Última Bênção História Fotográfica dos Milagres de Tambaú
--	---	---

## ROMANCES POPULARES

Alonso e Marina Romeu e Julieta Elzira, A Morta Vir- gem O Papagaio Misterioso Carlos e Iracema	O Trágico Amor de Jaci e Alvaro Ali-Babá e os Quaren- ta Ladrões Carlos Magno e os Do- ze Pares de França	A Vida Criminosa de Antonio Silvino Dioguinho, o Terrível Bandoleiro Roberto do Diabo O Amor em face do Destino
--	--	---

## PUBLICAÇÕES DIVERSAS

Quebra-Cabeças Anedotas e Piadas (Ilustradas) Receitas para Cosinhar Receitas para Doces Mensageiro do Amor (Cartas) Guia dos Namorados	Novo Livro de São Ci- priano Significado dos Sonhos Truques, Mágicas e Passatempos N. S. Aparecida N. S. de Fátima Santa Isabel N. S. do Sagrado Co- ração	Cartas de Amôr (Se- leções) Secretário do Amôr Quitutes de Dona Jú- lia História e Sucessos de Tonico e Tinoco Alma da Terra (Poe- mas Sertanejos)
--	---	--

## PRELÚDIO (Revista em quadrinhos)

CABOCLA TEREZA (História completa)

PEDIDOS: **A. A. LOPES & SOUZA**

GRÁFICA EDITORA PRELÚDIO

Rua Ipanema, 772 — Fone 9-1374 — São Paulo